

# **A editoração de *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir, pelas Publicações Europa-América: mediações da cultura amazônica aos leitores portugueses**

***The publishing of Belém do Grão-Pará, by Dalcídio Jurandir, by Europa-América  
Publications: mediations of Amazonian culture to Portuguese readers***

Lorena Bolsanello de CARVALHO\*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

**RESUMO:** Este artigo investiga, nos paratextos (Genette, 2009) da edição portuguesa de *Belém do Grão-Pará*, do escritor paraense Dalcídio Jurandir, representações sobre a Amazônia endereçadas ao leitor português. Lançado em 1960 pela Livraria Martins Editora (SP), o romance foi reeditado em 1979 pelas Publicações Europa-América, instituição portuguesa que havia realizado forte enfrentamento ao autoritarismo durante a ditadura salazarista. Compreendendo romances como artefatos culturais historicamente situados (Darnton, 1990; Chartier, 2011), cruzamos documentos que testemunham o processo editorial da obra em território europeu e a materialidade e o conteúdo do livro a fim de identificar a convergência de vozes e de discursos nessa publicação transnacional que pretendia divulgar saberes e culturas amazônicas. Com a pesquisa, pretende-se contribuir para a História do Livro e da Leitura. Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), no âmbito do Programa Capes-PrInt, Código de Financiamento 001.

**PALAVRAS-CHAVE:** História do Livro e da Leitura. Dalcídio Jurandir. Paratextos Editoriais. Publicações Europa-América. romance.

**ABSTRACT:** This article investigates, in the paratexts (Genette, 2009) of the Portuguese edition of *Belém do Grão-Pará* (Belém, capital of the Pará state), by the writer from Pará, Dalcídio Jurandir, representations about the Amazon addressed to the Portuguese reader. Released in 1960 by Martins Publishing House (São Paulo), the novel was reissued in 1979 by Europa-América Publications, a Portuguese institution that had strongly opposed authoritarianism during the Salazar dictatorship. Understanding novels as historically situated cultural artifacts (Darnton, 1990; Chartier, 2011), we cross-referenced documents that testify to the editorial process of the work in European territory and the materiality and content of the book to identify the convergence of voices and discourses in this transnational publication that intended to disseminate Amazonian knowledge and cultures. With the research, we intend to contribute to the History of the Book and

---

\* Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Colégio de Aplicação da UFRJ. Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Pará. Membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: lorennabolsanello@gmail.com

Reading. This work was carried out with the support of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - Brazil (CAPES, acronym in Portuguese), under the Capes-PrInt Program, Financing Code 001.

**KEYWORDS:** History of the Book and Reading. Dalcídio Jurandir. Editorial Paratexts. Europe-América Publications. novel.

## Introdução

Dalcídio Jurandir, escritor marajoara, produziu um conjunto de dez romances conhecido como *Ciclo do Extremo Norte*, cujos enredos narram vivências de sujeitos amazônicos na primeira metade do século XX. Compõem o ciclo romanesco do autor os seguintes títulos: *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três Casas e um Rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960)<sup>1</sup>, *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira Manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Chão dos Lobos* (1976), *Os Habitantes* (1976) e *Ribanceira* (1978)<sup>23</sup>.

Para Nunes (2004, p. 15), “estudar Dalcídio Jurandir, um dos mais instigantes ficcionistas brasileiros modernos, constitui, de certo modo, também oportunidade para se conhecer melhor a região Norte do Brasil, ‘desexotizá-la’”. De tal afirmação, infere-se que ler Dalcídio Jurandir, romancista interessado em narrar vivências, saberes e linguagens amazônicas da “aristocracia do pé no chão”<sup>3</sup>, é também aprender sobre o Extremo Norte, território às bordas de um país de dimensão continental, de povo insulado e frequentemente esquecido. Interessa a este estudo a dimensão educativa do objeto-livro na condição de artefato cultural capaz de disseminar consciência social. Investigam-se, portanto, aspectos da mediação cultural endereçada ao público potencial através da edição dos romances dalcidianos.

Neste texto, tomamos como objeto de análise a edição portuguesa de *Belém do Grão-Pará*<sup>4</sup>, quarto romance do *Ciclo do Extremo Norte*, cujo lançamento pelas

---

<sup>1</sup> Há uma diferença de grafia entre as edições brasileira e portuguesa do romance. Na edição portuguesa, inseriu-se um hífen no termo “Grão-Pará”. Para analisar o romance, utilizamos o título hifenizado, uma vez que neste trabalho focalizamos a edição portuguesa. Entretanto, quando referenciamos especificamente a edição brasileira da obra, redigimos o título sem hífen.

<sup>2</sup> Os anos indicados datam as primeiras edições dos romances.

<sup>3</sup> O termo “aristocracia de pé no chão”, registrado no periódico *Folha do Norte*, foi utilizado por Dalcídio para referir-se à população amazônica, às pessoas comuns do Marajó que vivem à margem da sociedade, cujos dramas e cuja potência frequentemente são invisibilizados nas narrativas sobre o Brasil e sua gente. *Folha do Norte*, 23 de outubro de 1960. Trecho do texto disponível em <https://dalcidiojurandir.com.br/>. Acesso em 30 jan 2024.

<sup>4</sup> Destaca-se que, em um trabalho pioneiro, Nunes (2004) havia realizado uma análise comparativa entre a primeira edição de *Belém do Grão Pará*, publicada em 1960 pela Livraria Martins Editora, e a segunda

Publicações Europa-América (doravante PEA) integrou uma iniciativa de divulgação da literatura e da cultura brasileira ao povo português. Sendo um romance representativo da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, sua publicação em território ultramar possibilitou a revelação de uma face pouco conhecida do Brasil. Nesse contexto, no interstício entre a História da Educação e a História Editorial, este estudo pretende lançar luz a alguns aspectos da trajetória editorial do livro dalcidiano a fim de contribuir para reflexões sobre a difusão, em território português, de um romance que aborda cosmovisões, narrativas e linguagens dos sujeitos amazônicos.

## **1. O enlace Brasil-Portugal no campo editorial: as PEA e Jorge Amado**

Medeiros (2011) afirma que, no contexto da II Guerra Mundial, se inicia um processo de inversão na influência tipográfica entre Brasil e Portugal, quando a antiga metrópole passou de “exportador líquido” para “importador líquido” desse artefato cultural. Entretanto, apesar do marcador histórico, é necessário sublinhar que o processo de crescimento das referências brasileiras no mercado editorial português não ocorreu de maneira uniforme ou linear; pelo contrário, segundo Medeiros, esse fenômeno deu-se entre avanços e retrocessos. Fato é que, em meados da década de 40, o livro brasileiro se espalhava por Portugal, rompendo alguns mecanismos de subordinação cultural pautados nas estruturas herdadas pelo sistema colonial. Para além do desgaste promovido pela guerra à economia ibérica, Medeiros cita relevantes fatores inerentes à conjuntura brasileira que contribuíram para esse processo de transformação:

o desenvolvimento de uma indústria editorial brasileira é tardio, emergindo com verdadeira autonomia apenas a partir dos anos 20 (HALLEWELL, 1985). Paralelo ao aparecimento de uma literatura brasileira assumida como nacional (SORÁ, 1999; MOREIRA, 2010), e nele participando activamente, o campo autónomo da edição – e, não menos importante, da impressão – no Brasil medra com pujança e celeridade, atingindo na década de 30 arcabouço competitivo no plano da produção em língua portuguesa (Medeiros, 2011, p. 4-5).

Nesse contexto, a perspectiva das PEA, casa editorial fundada por Francisco Lyon de Castro (1914-2004) e seu irmão Adelino Lyon de Castro (1910-1953) em maio de 1945, se alinha a um novo paradigma de intercâmbio editorial entre Brasil e Portugal

---

edição do romance, publicada em território português. Nela, o pesquisador tece importantes considerações sobre os paratextos editoriais da edição portuguesa.

baseado na negociação de saberes, evitando o olhar colonial de subalternização do Brasil na circulação da cultura lusófona e a atitude negativa, comum a muitos editores, frente à ascensão da literatura brasileira no mercado português. Tal disposição pode ser inferida pelo nome da editora: Publicações Europa-américa, que enlaça o velho e o novo mundo. Segundo Leite, a divulgação da cultura brasileira encontra-se desde o início das atividades da editora, uma vez que:

Os primeiros passos da PEA desenvolvem-se no campo da distribuição. Utilizando como depósito a casa de Campo de Ourique de Ilda de Oliveira, irmã do editor da Cosmos, os irmãos Lyon de Castro começam a comprar livros brasileiros e a vendê-los através das redes das associações culturais pelo sistema de assinaturas. A memória de Lyon de Castro situa esse momento como determinante na mudança da sua vida (Leite, 2003, p. 66).

As PEA constituíram-se como uma casa editorial oposicionista ao regime do Estado Novo português. Tendo sido fundada principalmente a partir do posicionamento político de Lyon de Castro, o carácter de luta compôs a história da editora que, inicialmente configurada como distribuidora de livros e de jornais que pudessem despertar consciência social nos leitores portugueses, passou em seguida a editar e a traduzir livros, concebendo coleções:

Se no tempo do Estado Novo as PEA são uma editora que se consolida no mercado, esse crescimento é acompanhado de uma progressiva consolidação da sua influência social em Portugal, e em particular nos meios da oposição ao regime. A solidariedade com os elementos da oposição, a oferta de possibilidades de publicação, tradução e distribuição de determinados livros a um conjunto de pessoas, que de antemão se sabem interessadas, era efectuada na expectativa de gerar um alargamento dos simpatizantes da causa democrática. Em grande parte as cumplicidades entre editores e livreiros e o público leitor eram frequentes, sendo essa cumplicidade a própria motivação para a acção de divulgação. Por exemplo, nas livrarias conhecidas pela sua simpatia oposicionista, havia sempre uma secção de livros reservada. Tratava-se dos livros que eram alvo da perseguição censória, e como tal sujeitos à apreensão (Leite, 2003, p. 78).

As PEA entraram em insolvência em 2019<sup>5</sup>. Com uma longa história de 74 anos sob direção da família Lyon de Castro, a casa editorial inegavelmente participou da formação dos leitores portugueses, mediando cultura e despertando consciência social. Por seu carácter oposicionista, pode-se afirmar que a história da editora esteve fortemente influenciada pelo contexto sociopolítico do país. Durante o Estado Novo (1933-1974),

---

<sup>5</sup> Em 2023, o selo literário das PEA foi retomado sob nova direção. Cabe destacar que, nesse processo, houve mudança nas personalidades que o coordenam, bem como alterações nas premissas editoriais. No entanto, por não se tratar do período de interesse para este estudo, tais transformações não serão detalhadas.

marcado pela censura aos bens culturais e pela possível apreensão de livros, foram frequentes as tentativas editoriais de transpor o controle do Estado<sup>6</sup>. A partir do processo de democratização de Portugal, iniciado com a Revolução dos Cravos em abril de 1974, a escolha de títulos passou a ocorrer de maneira mais livre, tendo como principal balizador o mercado, fato que levou a editora a adquirir um caráter comercial.

Entretanto, no transcurso entre esses dois períodos, as PEA apostam na ousada publicação de Jorge Amado, autor que, apesar de obter grande sucesso editorial em Portugal, foi censurado e perseguido pelas autoridades portuguesas. Data de 1960 a primeira edição portuguesa de *Gabriela, cravo e canela*, lançada pelas PEA com uma tiragem de 10.000 exemplares. O prefácio de Ferreira de Castro<sup>7</sup> destaca o interessante fenômeno da influência promovida pela importação da literatura amadiana em Portugal:

[...] pela primeira vez um escritor do Brasil exercia influência sobre romancistas de Portugal. Duas gerações portuguesas, aliás bem dotadas de méritos próprios, deixaram-se contagiar, durante bastante tempo, pelo ritmo da prosa de Jorge Amado, pelo seu lirismo, pela maneira como tratava os problemas da sua obra; deixaram-se mesmo apaixonar por cenários correspondentes aos da sua preferência (Castro, 1958, p. 6).

O fenômeno descrito por Castro em 1958 já ocorria há algumas décadas. Pita (2015) afirma que a “redescoberta do Brasil”, promovida pela divulgação de romancistas regionalistas brasileiros em Portugal, configurou-se como uma das bases para a reforma estética de saída do subjetivismo para o modernismo neorrealista, fator que, pela inserção da consciência histórica e social na ficção, modificou a prática literária de parte da intelectualidade portuguesa. Lopes (2015), por meio da investigação histórica em espólios, revela trocas de correspondência e de outros textos íntimos, como cartões de visita e dedicatórias, entre Jorge Amado e intelectuais portugueses, como Mário Dionísio<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> O acervo de Francisco Lyon de Castro, sob guarda da Fundação Mário Soares, contém um conjunto de arquivos intitulado “Censura Europa-América”, constituído por autos de apreensão de livros levadas a cabo pela PIDE/DGS e pela PSP, bem como por correspondências que revelam o caráter oposicionista da editora. Disponível em [http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e\\_3239#!e\\_3255](http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_3239#!e_3255). Acesso em 23 out 2024.

<sup>7</sup> O renomado escritor português Ferreira de Castro (1898 – 1974) atuou como jornalista e romancista. Suas obras são amplamente divulgadas internacionalmente, tendo sido traduzidas para diversas línguas. Costuma-se situá-lo, na História da Literatura, como precursor do neorrealismo em Portugal.

<sup>8</sup> Mário Dionísio (1916 – 1993) foi um escritor português de forte atuação política como opositor do Estado Novo. Na literatura, transitou entre diversos gêneros, contemplando prosa, poesia, textos memorialísticos e crítica literária. Além de produzir obras associadas à estética neorrealista, o literato desenvolveu reflexões teóricas sobre o movimento.

e Alves Redol<sup>9</sup>, comprovando o intercâmbio de ideias e a mútua influência entre as nações. A circulação de romances de Jorge Amado em território português consolidou-se como um importante acontecimento na redistribuição de influências no campo literário.

Segundo Chaves (2015, p. 11), a publicação de Jorge Amado pelas PEA “obrigou [a Lyon de Castro] a travar longa e árdua batalha, que incluiu prisões, interrogatórios e processos”. Resistindo ao cerceamento de seu trabalho, Lyon de Castro seguiu publicando Jorge Amado em Portugal a ponto de, em 1969, dado o sucesso de mercado e a vasta quantidade de títulos do autor já publicados pela casa editorial, compor uma coleção exclusiva para o brasileiro. A apresentação das PEA e da importância de Jorge Amado para a casa editorial e para a literatura neorrealista portuguesa são fundamentais para este estudo, uma vez que parte da intelectualidade ligada a esses fenômenos compôs o grupo que possibilitou a publicação da edição portuguesa do romance de Dalcídio Jurandir, fato que será abordado na seção a seguir.

## 2. A edição portuguesa de *Belém do Grão-Pará*

Publicada em 1979<sup>10</sup>, *Belém do Grão-Pará* é a 163ª obra da Coleção “Século XX”, que havia se iniciado em 1955 com o lançamento de *A centelha da vida*, de Erich Maria Remarque. A coleção promovia a difusão de variados romances da literatura mundial e abarcava autores portugueses, autores de outros países lusófonos e traduções literárias, com textos de correntes estéticas muito diversas, como o neorrealismo português, com Alves Redol, autor de *A Barca dos Sete Lemes* (1958); o realismo mágico colombiano, com Gabriel García Márquez, autor de *O Veneno da Madrugada* (1972), *Os Funerais da Mamã Grande* (1972), *O Enterro do Diabo* (1972), *Ninguém Escreve ao Coronel* (1972), *A Incrível e Triste História da Cândida Eréndira e de Sua Avó Desalmada* (1974), *O Outono do Patriarca* (1978); ou o existencialismo francês, com Jean-Paul Sartre, autor de *A Náusea* (1958)<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Grande renome do neorrealismo português, Alves Redol (1911 –1969) desenvolveu obras profundamente marcadas pela perspectiva social.

<sup>10</sup> Indicada como edição de número 3163/2633, a obra faz parte de um grupo de mais de 10 livros, publicados entre 1978 e 1980, que não contêm, em seus paratextos, registro exato do ano de publicação. Entretanto, a partir da análise da numeração de controle interno da editora (cotejando-se informações de segundas edições de obras desse grupo de livros, bem como de livros de outras coleções publicados durante o período), é possível deduzir que a publicação de *Belém do Grão-Pará* ocorreu no ano de 1979. O depósito legal na Biblioteca Nacional de Portugal, entretanto, ocorre anos depois, em 1982.

<sup>11</sup> Os anos de publicação indicados se referem às edições portuguesas dos romances lançadas pelas P.E.A.

A composição gráfica da coleção era caracterizada pela encadernação em brochura e miolo de papel jornal, que tornava o processo de impressão mais econômico. Os livros oscilavam entre o formato 14x21 cm e 14x19,5 cm, com volume superior a 200 páginas. Os lançamentos editoriais da coleção inicialmente contavam com orelhas contendo informações adicionais sobre autor e obra e com capas encomendadas a artistas plásticos. Em 1965, as capas passaram a ser assinadas por “Estúdios P.E.A.” e não dispõem mais de orelhas, simplificação que provavelmente objetivava o barateamento do processo editorial. O movimento de redução de custos de editoração firma-se nos anos 70, quando a contenção de gastos se reflete no pagamento reduzido a tradutores e a revisores (Leite, 2003), fato que, ao mesmo tempo em que tornava os preços dos livros acessíveis a um maior número de pessoas, resultou em publicações descuidadas, com grande número de problemas de revisão. O extenso ciclo de vida da coleção teve fim em 1997 com a publicação de *O ouro e o sonho*, do escritor português Urbano Tavares Rodrigues.

De acordo com Olivero (1999) e Guego e Nicoli (2014), a composição de coleções envolve condições culturais e econômicas e contribui para a formação de cânones literários. Assim, a proposição de uma coleção corresponde a um projeto de influência social de determinada casa editorial, ao mesmo tempo em que está submetida aos movimentos do mercado; nesse sentido, a escolha dos títulos não ocorre de modo aleatório, mas pretende aglutinar determinadas obras em uma identidade comum. A Coleção “Século XX”, das P.E.A., pretendia promover o contato do leitor português com diferentes narrativas da literatura mundial, consideradas, pela instituição, adequadas aos movimentos éticos e estéticos da contemporaneidade. No entanto, o extenso ciclo de vida da coleção, bem como a vasta gama de nacionalidades e de correntes estéticas dos títulos, tornaram esse um empreendimento multifacetado e pouco coeso, apresentando transformações – principalmente relacionadas às disposições do mercado – ao longo dos anos. Em relação à nacionalidade brasileira, entre 1960 e 1980, a coleção publicou os autores Jorge Amado, James Amado, Antônio Callado, Adonias Filho, Dalcídio Jurandir e Josué Montello. A partir de 1980 não constaram mais lançamentos de romances brasileiros na coleção “Século XX”, o que não significa o fim do interesse editorial das P.E.A. pelo Brasil, uma vez que a edição de Jorge Amado teve continuidade em outras coleções.

Inserido, portanto, em um projeto editorial de divulgação da literatura contemporânea mundial, Dalcídio e seu romance urbano são apresentados aos leitores portugueses como uma referência estética. O livro compõe a série “Autores Brasileiros Contemporâneos”, coordenada por Álvaro Salema. No prefácio de *Quarup* (1973), de Antônio Callado, identifica-se o ano de estreia da série. Salema (1973, p. 7) indica, em uma “advertência prévia” ao romance, que se pretende remediar o problema da “acidentalidade da divulgação da literatura contemporânea brasileira”, superando a falta de continuidade e de diversidade no lançamento de obras brasileiras. O coordenador da série critica a priorização dada no mercado editorial português a traduções de outras línguas quando o mundo literário brasileiro apresentava grande quantidade de correntes criadoras, com ampla variedade de culturas e visões de mundo. O livro é evidenciado como suporte concreto capaz de promover “uma política de convivência real e viva de Portugal e do Brasil” “em espírito e em cultura” (Salema, 1973, p. 8).

“Autores Brasileiros Contemporâneos” apresenta-se, portanto, como projeto de ampliação, sistematização e diversificação da divulgação da literatura brasileira “em prosa e em verso”<sup>12</sup> (Salema, 1973, p. 7) em Portugal. Essa iniciativa contribuiria não apenas para a promoção do intercâmbio cultural entre os dois países lusófonos, mas também daria visibilidade à expressão brasileira em sua riqueza e diversidade.

No acervo Museu Ferreira de Castro, em correspondência trocada entre Álvaro Salema e o romancista português, foi possível identificar vestígios do processo editorial da série. Salema afirma em duas cartas, a primeira datada de 29 de julho de 1972 e a segunda sem data:

(...) há longas semanas, talvez meses, que Lyon de Castro não me comunica coisa alguma sobre a sequência da coleção brasileira, embora há muito tempo lhe tivesse entregue os prefácios e notas para os dois primeiros volumes previstos – os de Antonio Callado e Adonias. Sobre a nossa Antologia, o mesmo silêncio. Como lhe disse, cada vez tenho mais dificuldade em entender aquele homem e maior embaraço em combinar com ele seja o que for<sup>13</sup>.

Já mandei há tempo ao Lyon de Castro o contrato assinado e os textos para acrescentar na edição da antologia. Até agora (estranho homem...) não me disse mais uma palavra – nem sequer sobre a coleção de autores brasileiros em que estava tão interessado. Até breve, querido amigo<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> Apesar do projeto de publicação de textos em prosa e em verso, a série contou apenas com o lançamento de romances brasileiros.

<sup>13</sup> SALEMA, Álvaro. Costa, 28 de julho de 1972. Museu Ferreira de Castro/B-1/0036/Cx.10/Doc7956.

<sup>14</sup> SALEMA, Álvaro. s/d. Museu Ferreira de Castro/B-1/0036/Cx.10/Doc8006.



Os períodos de silêncio do editor Lyon de Castro durante o processo de editoração dos romances de Callado (publicado em 1973) e Adonias (publicado em 1974) parecem agravar-se em relação à publicação de Dalcídio, uma vez que, tendo sido o contrato entre autor e editora datado de 1971<sup>15</sup> e o prefácio produzido por Ferreira de Castro finalizado em 1972<sup>16</sup>, a demora na efetiva impressão e no consequente lançamento do livro, que ocorre apenas em 1979, mostrou-se excessivamente longa.

No exemplar de *Belém do Grão-Pará*, consta o esclarecimento de que a série possui três objetivos básicos:

Documentar as realidades do Brasil próximo e actual;  
Testemunhar a variedade e riqueza do romance brasileiro;  
Revelar e alargar a presença em Portugal dos valores literários do Brasil contemporâneo (Salema, 1979, p. 7).

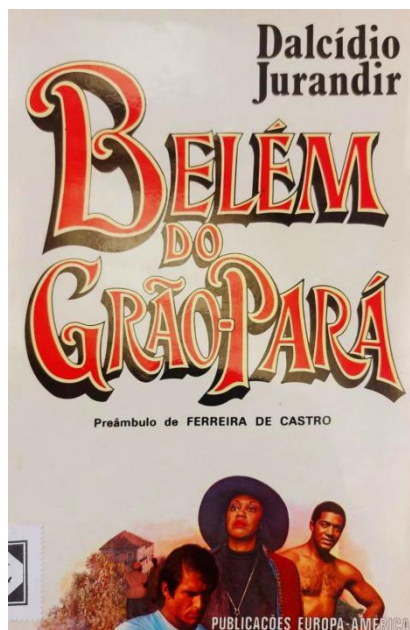
O breve texto reafirma o propósito de mediação cultural proposto pela série, que intenciona divulgar e documentar “as realidades”, “a variedade e riqueza” presentes no Brasil e em sua literatura. Tais objetivos tornariam oportuna a publicação de um autor como Dalcídio Jurandir, que traz à cena as vivências da população amazônica, frequentemente desconhecidas ou até mesmo invisibilizadas. No entanto, alguns paratextos da edição parecem contrariar esses princípios, como a imagem veiculada na capa.

**Figura 1. Capa da edição portuguesa de *Belém do Grão-Pará***

---

<sup>15</sup> JURANDIR, Dalcídio. *Contrato de publicação de “Belém do Grão-Pará” de DJ com publicações Europa-América*. Portugal, 1971. Fundação Casa de Rui Barbosa. Acervo Dalcídio Jurandir. Documentos Pessoais. DJ Dp 18.

<sup>16</sup> SALEMA, Álvaro. Costa, 28 de julho de 1972. Museu Ferreira de Castro/B-1/0036/Cx.10/Doc7956.



**Fonte:** Biblioteca Nacional de Portugal

O paratexto é produzido pelos “Estúdios P.E.A.”, responsáveis desde 1965 pelas capas da coleção, e parece cotejar elementos dispersos que perpassam a narrativa do romance: a natureza amazônica, representada pela árvore no plano de fundo da imagem; a edificação de estética portuguesa, moradia comum às classes abastadas de Belém durante a *Belle Époque*; e sujeitos de diferentes grupos étnicos que compõem a população paraense. No entanto, apesar de tais elementos configurarem parte importante da literatura dalcidiana, na imagem eles são apresentados de maneira quase caricatural, contrastando com a complexidade proposta pelo texto escrito. Nunes (2007) faz uma avaliação bastante precisa do caráter de exotização promovido no paratexto:

A leitura que se faz de imediato é a de que o capista optou, como disse anteriormente, pelo modo trivial de representar a América exótica (o exótico está marcado, sobretudo, pela roupagem do sujeito de vestimenta oriental), ponto de vista ideológico difundido desde o período das grandes navegações portuguesas (Nunes, 2007, p. 61).

A capa aposta em uma representação estereotipada da formação do Brasil, comum a uma perspectiva colonial, segundo a qual a miscigenação daria lugar à coexistência harmônica entre diferentes grupos étnicos. Essa visão simplista da multiculturalidade brasileira, em geral, e amazônica, em específico, contrasta com a narrativa dalcidiana, que frequentemente problematiza a desigualdade social marcada pela opressão racial historicamente instaurada no país e atribui contornos complexos para a construção das

identidades amazônidas (Pressler, 2006). Assim, percebe-se uma dissonância entre a representação veiculada na capa e o discurso literário do romance.

Outro importante paratexto que modela as percepções dos leitores é a contracapa, que traz o seguinte texto:

Com este romance de Dalcídio Jurandir apresenta-se ao leitor português de hoje uma das figuras mais representativas da literatura brasileira contemporânea, não apenas pela “autêntica força de romancista” que lhe atribuiu Álvaro Lins desde o início da carreira literária, mas também pelo que na obra se reflecte das autenticidades fundamentais de um grande povo de língua portuguesa, na unidade das suas múltiplas diversidades. Em projecção episódica e em determinadas áreas, Belém do Grão-Pará é um romance de costumes, como apontou Adonias Filho. Mas, na sua essência transparente e na sua larga panorâmica humana, é um romance social enriquecido por uma forte qualidade de interpretação psicológica. O romance foi consagrado, logo depois da publicação, com o Prémio do Pen Clube do Brasil e com o Prémio Paula de Brito. O autor obteve posteriormente o Prémio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da sua obra. E o prefácio que Ferreira de Castro escreveu para este livro, poucas semanas antes de partir para sempre, é pórtico eloquente na apresentação de uma obra que revela em Portugal um grande escritor, qualificado por Jorge Amado entre os maiores e, com ele, a grandeza da literatura brasileira neste nosso tempo.

É interessante analisar o capital simbólico (Bourdieu, 1996) atribuído ao livro por renomados intelectuais e instituições literárias, a saber: Álvaro Lins<sup>17</sup>, Adonias Filho, Ferreira de Castro, Jorge Amado, Pen Clube do Brasil<sup>18</sup>, Biblioteca do Estado da Guanabara<sup>19</sup> e Academia Brasileira de Letras<sup>20</sup>. Dentre os listados, não há a voz de nenhum representante da intelectualidade amazônica, apesar de muitos críticos e grupos de intelectuais paraenses terem feito avaliações do livro à época de seu lançamento. Assim, a voz que legitima Dalcídio parece ecoar a partir do Centro-Sul brasileiro (ou de Portugal, no caso de Ferreira de Castro).

O caso do nome de Álvaro Lins merece destaque, uma vez que o crítico, frente à publicação de *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), romance inaugural de Dalcídio, ponderou as qualidades literárias do autor, afirmando que “o que falta ao livro do sr. Dalcídio Jurandir é a realização literária, é o domínio do material romanesco, é a consciência mesma da obra. Não sendo um romance de valor, sobretudo valor literário,

---

<sup>17</sup> Álvaro Lins (1912 — 1970) foi um renomado crítico literário brasileiro. Atuou em importantes periódicos, como o *Diário da Manhã de Pernambuco*, e compôs instituições relevantes para a cena literária nacional. Em 1955, por exemplo, integrou a Academia Brasileira de Letras.

<sup>18</sup> Responsável pela concessão do Prémio Luíza Cláudio de Sousa (1960).

<sup>19</sup> Responsável pela concessão do Prémio Paula de Brito (1960).

<sup>20</sup> Responsável pela concessão do Prémio Machado de Assis (1972).

*Chove nos campos de Cachoeira* revela os indícios de um romancista”<sup>21</sup>. Seguindo a crítica, Lins atribui a Dalcídio “uma força ainda bárbara e caótica, mas que poderá um dia apresentar resultados surpreendentes”<sup>22</sup>, enquadrando-o na chave de leitura do barbarismo, interpretação rechaçada pelo intelectual paraense, a qual, no entanto, o perseguirá durante toda a sua produção literária. Ao longo da carreira de Dalcídio, esse texto, datado de 27 de setembro de 1941, é frequentemente retomado e ressignificado, sendo utilizado em vários paratextos e divulgações de suas obras com um tom de prestígio, quando, no contexto de produção, havia sido um questionamento ao valor estético de seu romance.

No texto da contracapa, também chama a atenção a tentativa de classificação do romance dalcidiano. A voz de Adonias Filho é então referenciada para categorizá-lo como um “romance de costumes”. No entanto, logo em seguida, a constatação da humanização dos dramas narrados e o forte caráter psicológico da obra redirecionam a classificação ao apontamento de um “romance social”. Essa disputa por nomenclaturas não é aleatória, uma vez que a simples rotulação de “romance de costumes”<sup>23</sup> pode reduzir a produção literária de Dalcídio apenas ao registro, na ficção, de padrões de conduta de um grupo social em uma determinada época quando, na verdade, o autor propõe o adensamento psicológico da população amazônica frente às contradições sociais do fim do Ciclo da Borracha.

A menção a Jorge Amado na contracapa do livro é outro elemento que confere legitimidade para Dalcídio na condição de “uma das figuras mais representativas da literatura brasileira contemporânea”. O já mencionado sucesso de público de Jorge Amado em Portugal justifica a apresentação de seu nome como estratégia de divulgação. No entanto, há mais elementos que vinculam os dois autores, como suas afinidades ideológicas e estéticas. Jorge Amado foi um importante incentivador da trajetória editorial

---

<sup>21</sup> LINS, Álvaro. Romances de concurso. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano 41, n. 14387, 27 set 1941, p. 2

<sup>22</sup> *Idem*.

<sup>23</sup> Para Candido (2000, p. 101), o nascimento do gênero romance no Brasil está associada ao registro de costumes, caracterizado pela descrição de tipos humanos e de modos específicos de vida social. Trata-se, na tradição da teoria e da crítica literária brasileira, de uma classificação que tende a circunscrever o romance a um caráter regionalista, fator que limitaria sua qualidade literária.

do autor paraense, sendo possível pressupor que a presença de Dalcídio no catálogo das PEA tem relação direta com a influência do autor baiano na casa editorial<sup>24</sup>.

Por fim, a afirmativa de que a obra carrega “autenticidades fundamentais de um grande povo de língua portuguesa, na unidade das suas múltiplas diversidades” é coerente com o papel proposto pela série “Autores Brasileiros Contemporâneos” de documentar e de dar a conhecer ao público português a diversidade cultural brasileira na tentativa editorial de aproximação entre os dois países.

De maneira diversa à exotização que permeia a capa da edição e à miscelânea de abordagens acerca da escrita dalcidiana apresentada na contracapa, o prefácio produzido por Ferreira de Castro traz, com acentuado lirismo, uma interpretação consistente e afetuosa do primeiro romance urbano do autor marajoara, propondo aos leitores portugueses importantes chaves de leitura para a obra. Em carta, disponível no Museu Ferreira de Castro, Álvaro Salema agradece ao autor português pela composição do texto: “De todo o coração lhe agradeço o prefácio para o livro do Dalcídio. Sei que o fez com sacrifício e infringindo princípio que é indispensável à sua tranquilidade”, tal documento revela que o texto já estava pronto em julho de 1972<sup>25</sup>. Os desafios citados provavelmente advinham das frágeis condições de saúde do autor à época, bem como da sua conhecida aversão aos prefácios.

O preâmbulo apresenta duas partes. Na primeira, Ferreira de Castro tece extensas considerações sobre o caráter prejudicial dos prefácios, julgando-os textos que necessariamente prendem o autor do livro a uma relação de “patrocínio”, e consequente subordinação, ao prefaciador. Considerando a contradição entre seu posicionamento e a produção do preâmbulo de Belém do Grão Pará, Ferreira de Castro se propõe a responder à seguinte questão: “Mas, pensando eu assim, porque acedi ao desejo de Lyon de Castro, meu velho amigo, e estou aqui a escrever um prefácio?”.

Ferreira de Castro justifica sua disponibilidade para a tarefa pela qualidade literária da obra de Dalcídio Jurandir combinada ao afeto desenvolvido pela Amazônia, região cuja potencialidade ainda desconhecida precisava ser divulgada. É importante destacar que o autor de *A Selva* havia passado parte da sua adolescência no interior da

---

<sup>24</sup> A pesquisa de doutorado em andamento, ao analisar as primeiras edições dos romances que compõem o Círculo do Extremo Norte, tem encontrado episódios de interseção entre os autores, nos quais os incentivos promovidos por Jorge Amado contribuem para a criação de oportunidades de publicação para Dalcídio.

<sup>25</sup> SALEMA, Álvaro. Costa, 28 de julho de 1972. Museu Ferreira de Castro/B-1/0036/Cx.10/Doc7956.

Amazônia brasileira na condição de seringueiro, vivendo, posteriormente na capital paraense (Freitas, 2021, s/p). Comprovando sua qualidade enquanto leitor de Dalcídio, tece considerações sobre outros romances que compõem *Ciclo do Extremo Norte* e não apenas sobre *Belém do Grão-Pará*<sup>26</sup>: “Após haver analisado figuras do interior do Pará, ei-lo [Dalcídio Jurandir] a examinar, neste romance, algumas da capital. E as possibilidades do seu talento são tão grandes e tão diversas que dir-se-á ter ele sido sempre um romancista urbano” (Castro, 1979, p.13).

Várias vezes ao longo do texto, o prefaciador exprime sua admiração pela ficção brasileira. Situa a relevância literária de Dalcídio ao lado dos agraciados romancistas nordestinos de 30, citando nominalmente Jorge Amado, Lins do Rego e Rachel de Queiroz. Para além do sucesso de público de Jorge Amado em Portugal, a íntima relação literária que este possuía com Ferreira de Castro torna essa comparação importante elemento de legitimação do autor paraense.

Ao explicar quem é Dalcídio Jurandir, Ferreira de Castro passa, na verdade, a descrever o Marajó. Essa estratégia de apresentação de Dalcídio aos leitores não é nova; desde sua introdução na cena literária do Centro-Sul brasileiro, em 1940, quando ganhou o “Concurso de Romances Vecchi-Dom Casmurro”, a identidade de Dalcídio colou-se à região marajoara. Aparentemente, apresentar Dalcídio e sua obra é apresentar a Amazônia e seu povo, elemento que reforça a tese de que o *Ciclo do Extremo Norte* é um conjunto de artefatos culturais, conformados em romances, que possibilitam a mediação cultural da Amazônia a leitores de outros territórios: “Ele [Dalcídio Jurandir] foi o redescobridor do Marajó” (Castro, 1979, p. 12).

Em “Dalcídio Jurandir nasceu no Marajó. Nasceu numa grande ilha, de tal modo situada no delta do Amazonas que lembra, se a virmos no mapa ou de avião, uma gigantesca presa verde na boca aberta de incomensurável serpente cor de barro”, faz-se presente o lirismo da escrita de Ferreira de Castro com a imagem da ilha metaforizada em presa verde da boca de uma imensa cobra. Ao contrário do caráter exótico proposto pela capa do livro, o prefácio utiliza, com qualidade estética indiscutível, um importante

---

<sup>26</sup> Vale lembrar que *Belém do Grão-Pará*, obra editada pelas PEA, era o quarto romance do *Ciclo do Extremo Norte*, e o primeiro que se passava na capital paraense. O enredo dos três romances anteriores ocorria na Ilha do Marajó.

símbolo que permeia o imaginário mitológico da região para contextualizar a magnitude e a complexidade do território aos leitores portugueses.

Ferreira de Castro passa a abordar o isolamento da região. Alude às cerâmicas marajoaras, peças de rara beleza e valor memorialístico, que se escondem debaixo da terra. Indica que, apesar de alguns intelectuais terem tentado escrever sobre a região, pouco havia se firmado sobre a questão no campo literário, estando, portanto, esta tarefa guardada a Dalcídio Jurandir, que atribuía vida à região, expressando, em seus romances, não apenas a natureza amazônica, mas a vida de homens e mulheres que enfrentavam os desafios do insulamento. Ferreira de Castro revela uma importante chave de leitura dos romances dalcidianos, frequentemente ignorada por seus críticos: o foco nas experiências humanas, socialmente construídas em contato com o território permeado não apenas por precariedades, mas também potencialidades e resistências.

No trecho final do prefácio, Ferreira de Castro se debruça sobre a apresentação de *Belém do Grão-Pará*, obra editada pelas PEA e primeiro romance urbano de Dalcídio, que tem como espaço da narrativa a capital paraense. Em alusão a um espaço multifacetado, a cidade é referida como um “*puzzle*” construído por Dalcídio. O prefaciador apresenta os principais núcleos de conflito da narrativa e o caráter irônico da escrita dalcidiana. Por fim, Ferreira de Castro sugere ao leitor uma dinâmica de leitura lenta e atenta, fundamental à obra.

Em nota ao prefácio, o editor atribui o ano de 1974<sup>27</sup> à escrita do texto, tendo sido supostamente o último texto produzido antes da morte de Ferreira de Castro. Esse anúncio parece funcionar como jogada de *marketing* para maior vendagem do livro, atribuindo-lhe o valor de documento histórico. No entanto, as fontes analisadas indicam que o texto havia sido produzido em 1972.

## Considerações finais

---

<sup>27</sup> Publicada no Brasil em 1960, a edição portuguesa de *Belém do Grão-Pará* é provavelmente lançada em 1982, tendo sido seu prefácio escrito em 1972. As datas dos documentos que compõem o processo editorial de *Belém do Grão-Pará* em Portugal nos direcionam a novos questionamentos: por que a obra não foi publicada anteriormente em Portugal? Quais foram os impeditivos? Devido à extensão deste trabalho e à necessidade de recorte, este texto não pretende responder a essa pergunta. No entanto, considera-se relevante o registro dessas indagações para o estabelecimento de caminhos de continuidade para a investigação sobre o processo editorial do romance dalcidiano.

Para analisar a edição portuguesa de *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir, foi necessário contextualizar a trajetória das PEA, instituição caracterizada pelo princípio de divulgação do livro como forma de ação política. A mediação cultural promovida pelas PEA intencionava informar o país ao incentivar a aquisição de cultura escrita pelo maior número de leitores possível. Além disso, identifica-se uma postura oposicionista ao regime do Estado Novo português, o que, ao mesmo tempo em que gerou um estado de vigilância e censura sobre a casa editorial, muitas vezes resultou na promoção de autores responsáveis por uma literatura permeada por consciência social, como é o caso de Jorge Amado e Dalcídio Jurandir.

Resgatando os nomes que figuram nos paratextos editoriais como responsáveis pela edição portuguesa de *Belém do Grão-Pará*, notam-se convergências com a rede de sociabilidade portuguesa alinhada a Jorge Amado. O editor Lyon de Castro, o organizador da série “Autores Brasileiros Contemporâneos” Álvaro Salema e o prefaciador Ferreira de Castro foram intelectuais ligados à figura do autor baiano e promotores de sua literatura em Portugal. Essa intersecção de redes de sociabilidade é um vestígio que abre caminho para investigações sobre o papel de Jorge Amado na promoção editorial do *Ciclo do Extremo Norte*.

A análise do discurso nos paratextos editoriais (em seus aspectos verbais e visuais) expressa grande diferença entre os textos presentes na capa e na contracapa e o prefácio. A capa e a contracapa desempenham função meramente comercial e são formuladas a partir de estereótipos nas representações do Brasil e de sua literatura. A capa trata de modo superficial elementos presentes no romance dalcidiano e revela uma expressão de exotização da população amazônica, figurativizada no convívio de três grupos étnicos. A contracapa estabelece continuidade a esse discurso, apresentando Dalcídio Jurandir por meio de uma miscelânea de referências à crítica literária legitimada pelo Centro-Sul brasileiro. Descontextualizados, os recortes discursivos utilizados parecem reforçar chaves de leitura contraditórias a respeito da obra dalcidiana. O prefácio, em movimento diverso a esse, produzido pelo destacado literato português Ferreira de Castro traz apreciações aprofundadas a respeito da escrita dalcidiana, revelando a Amazônia a partir de um texto envolto em lirismo e respeito à obra prefaciada. Nesse amontoado de discursos sobre Dalcídio, revela-se a polifonia presente na composição do objeto-livro. No processo editorial, muitas são as vozes responsáveis pela produção do artefato cultural



que, sob direção da figura do editor, podem estar mais alinhadas ou, como no exemplo analisado, exprimir representações diversas sobre um mesmo texto. Entretanto, a responsabilidade dos sujeitos que produzem os paratextos editoriais de um livro precisa ser levada em consideração nas decisões editoriais, uma vez que as chaves de leitura propostas pelos textos que dão contorno ao livro muitas vezes terminam por guiar os gostos e as interpretações dos leitores.

Inserido na série “Autores Brasileiros Contemporâneos” da Coleção “Século XX”, *Belém do Grão-Pará* passa a fazer parte de um movimento de divulgação e de documentação da literatura brasileira, levando a diversidade do país de dimensão continental às livrarias portuguesas. Assim, identificam-se, no livro, elementos que, mesmo em sua contradição de representações discursivas, têm como objetivo a promoção de mediação cultural a leitores portugueses.

## **Agradecimentos**

Este texto faz parte de uma pesquisa empreendida por meio do Programa de Capacitação no Exterior (CAPES/PrInt), vinculada ao Projeto “Escritas de si, memória e profissão docente” (ProPEd/UERJ). A pesquisa “*Cultura escrita e grupos sociais subalternizados: um estudo de caso da escrita de Dalcídio Jurandir em perspectiva transnacional (1979-1982)*” tem sido desenvolvida no período de agosto a outubro de 2024 na Universidad Alcalá (Alcalá de Henares), sob a orientação do Professor Catedrático Antonio Castillo Gómez. O recorte de análise transnacional da publicação dalcidiana integra-se à pesquisa de doutorado em andamento “*Dalcídio Jurandir e o Ciclo do Extremo Norte: projetos editoriais em uma perspectiva histórica e educativa (1939-1978)*”, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Cabral da Silva. Meus agradecimentos se estendem ao Prof. Dr. Daniel Seixas de Melo (Universidade Nova de Lisboa) por suas imprescindíveis contribuições aos pressupostos teórico-metodológicos desta investigação; a Ricardo António Alves, diretor do Museu Ferreira de Castro, pela disponibilidade e pelo auxílio na pesquisa em arquivos do literato português; e aos professores Prof. Dr. Paulo Nunes (Universidade do Estado do Pará) e Prof. Dr. Gunter Karl Pressler (Universidade Federal do Pará) por seus estudos pioneiros a respeito da obra dalcidiana, bem como pelo canal aberto de interlocução durante a realização deste estudo.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996, p. 13-33.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira** (momentos decisivos). 2º volume (1836-1880). 9. Ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 2000.
- CASTRO, Ferreira de. Jorge Amado. *In*: AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1958.
- CASTRO, Ferreira de. Preâmbulo. *In*: JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. Póvoa de Varzim: Publicações Europa-América, 1979.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. *In*: CHARTIER, Roger (org). **Práticas da Leitura**. 5a Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 77-106.
- CHAVES, Vania Pinheiro. Apresentação. *In*: CHAVES, Vania Pinheiro; MONTEIRO, Patrícia (orgs.). **100 anos de Jorge Amado**. O escritor, Portugal e o Neorrealismo. Lisboa: Instituto Europeu Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2015.
- DARNTON, Robert. Parte III. A palavra impressa. *In*: DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 107-172.
- FREITAS, Ricardo. Ferreira de Castro. **Descendências Magazine**, 1/V, 2021. Url: <https://descendencias.pt/ferreira-de-castro/>. Acesso em 29 ago. 2024.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- GUÉGO, Christine Rivalan; NICOLI, Miriam de. Introduction. *In*: GUÉGO, Christine Rivalan; NICOLI, Miriam de (dir.). **La Collection**: essor et affirmation d'un objet editorial. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2014, p. 9-15.
- JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. Póvoa de Varzim: Publicações Europa-América, 1979.
- LEITE, Pedro Jorge de Oliveira Pereira. **Mercadores de Letras**: Rumos e Estratégias dos Editores e Livreiros na Divulgação Cultural durante o Estado Novo (1933-1974). Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2003.

LOPES, João Marques. Jorge Amado e o Neorrealismo Português. *In*: CHAVES, Vania Pinheiro; MONTEIRO, Patrícia (orgs.). **100 anos de Jorge Amado**. O escritor, Portugal e o Neorrealismo. Instituto Europeu Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Lisboa, 2015.

MEDEIROS, Nuno. Edição de livros em Portugal e no Brasil: influência e contra-influência na inversão do poder tipográfico, **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, Julho, 2011. Url: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312635152\\_ARQUIVO\\_Edicaodelivrosemportugalenobrasilinfluenciaecontra-influenciatipografica.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312635152_ARQUIVO_Edicaodelivrosemportugalenobrasilinfluenciaecontra-influenciatipografica.pdf).

NUNES, Paulo Jorge Martins. **Útero de Areia**, um estudo do romance “Belém do Grão Pará”, de Dalcídio Jurandir. 2007. 196 p. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

OLIVERO, Isabelle. Les collections du XIXe siècle: inventaire et typologie. **L’Invention de la collection**. Paris: IMEC, 1999, p.23-31.

PITA, António Pedro. (2015) Do “Regionalismo” brasileiro no Neorrealismo português: re-visão. *In*: CHAVES, Vania Pinheiro; MONTEIRO, Patrícia (orgs.). **100 anos de Jorge Amado**. O escritor, Portugal e o Neorrealismo. Instituto Europeu Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Lisboa, 2015.

PRESSLER, Gunter Karl. Dalcídio Jurandir – A escrita do mundo marajoara não é regional, é universal. *In*: LEITE, Marcus. **Leituras dalcidianas**. Belém: EDUNAMA, 2006.

SALEMA, Álvaro. Advertência prévia. *In*: CALLADO, Antônio. **Quarup**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1973.

## **Anexo I**

### **PREÂMBULO**

por Ferreira de Castro

Muitas vezes, dezenas de vezes, tenho declinado escrever prefácios. E, se algum dia legendei pórticos de livros alheios, aceitando o papel de intruso em casa de outrem, é porque a isso me solicitaram razões bastantes diferentes das normais.

Julgo que os prefácios podem carrear alguma utilidade quando se trata de instruir os eventuais leitores dum livro estrangeiro sobre o seu autor, até aí por eles ignorado. Ou quando são dos próprios autores, se têm algo a esclarecer que não puderam inserir, por

incompatibilidade estética com o assunto e até com o estilo, nas suas novas construções literárias. Ou ainda se constituem aprofundados estudos, à semelhança desses que antecedem, em edições críticas, os textos já clássicos.

Todos os demais prefácios me parecem inúteis e, frequentemente, mesmo nocivos aos prefaciados. Privam o autor do livro de surgir na arena de cabeça erguida, se não penachoso, pelo menos sem muleta a auxiliar-lhe falsamente os passos – e não exercem influência benéfica alguma. Não exercem porque o leitor sempre pensará, antecipada e legitimamente, que neles, em vez de julgamento imparcial, se encontrará apenas um turíbulo lançando fumo no ar. Nocivos, mesmo neste caso, porque há elogios que na aparência dizem *sim* e na essência dizem *não*, tão encolhidos, tão cautelosos e tão elaborados foram por um prefaciador que deseja apenas desobrigar-se do compromisso tomado contra a sua vontade. E que receia comprometer-se em afirmações que possam levar os outros a considerá-lo pouco inteligente e nada culto. A compreensível validade humana da maioria dos padrinhos literários só se pode comparar à ingenuidade da maioria dos afilhados.

Se a obra prefaciada obtém êxito, a nocividade será maior ainda. Todos os intoxicados pela inveja sussurrarão que o triunfo se deve ao nome do prefaciador e não ao trabalho do prefaciado, que assim vê ensombrados os méritos próprios e ofendidas as longas horas de dúvida e esperança, de inquietude, de tortura e renúncia a outras solicitações da vida, que a sua obra tantas vezes lhe custou. E então o patrocinado arrepende-se de haver solicitado o patrocínio e lá no fundo da alma, confusamente, involuntariamente, acaba por detestar o patrocinador. Ora da mesma maneira que não é o título que impõe um livro, a menos que sugira um trabalho pornográfico, também não há prefácio algum que faça, só por si, o êxito duma obra literária, se ela não tiver valor. Escritores e poetas de todo mundo, uni-vos contra os prefácios que tão esperançadamente solicitais!

Mas, pensando eu assim, porque acedi ao desejo de Lyon de Castro, meu velho amigo, e estou aqui a escrever um prefácio?

\*

Apesar de celebrado, desde há anos, pelos maiores críticos literários do Brasil, como um dos mais importantes romancistas actuais do seu país tão rico de ficcionistas, Dalcídio Jurandir era, até agora, desconhecido em Portugal. E perfeitamente se

compreende que a sua obra, ao aparecer pela primeira vez entre nós, carecesse de alguém, situado no átrio, a explicar quem é o seu glorioso autor.

É fácil a tarefa, sobretudo para mim, que conheço as características físicas e humanas da terra amada onde ela se gerou.

Dalcídio Jurandir nasceu no Marajó. Nasceu numa grande ilha, de tal modo situada no delta do Amazonas que lembra, se a virmos no mapa ou de avião, uma gigantesca presa verde na boca aberta de incomensurável serpente cor de barro.

Se algum dia a literatura teve ali uma episódica florescência, jamais a brisa da glória expandiu o seu perfume, longe e demoradamente no tempo e no espaço.

A ilha possuía, contudo, um privilégio. De todas aquelas vastas paragens, vizinhas do Atlântico, só ela encerrava nas entranhas um valioso espólio arqueológico, as famosas “marajoaras”, cerâmicas velhas de séculos, hoje a prestigiarem vários museus do mundo. Cerâmicas muito quietinhas e silenciosas no subsolo e milhares de manadas de bovinos pastando na superfície era a síntese que se fazia do Marajó. Do espírito dos artistas remotos só haviam ficado, além do mistério, aqueles magníficos vasos, alguns simbolicamente partidos. Mas a ilha moderna, de vaqueiros, de fazendeiros e de bois, parecia não ter alma. Certamente alguns poetas, no país onde fulguram sempre muitos, lha terão pressentido ou emprestado a sua. Não guarneceriam, porém, a história literária. Esse condão reservara-o a ilha para Dalcídio Jurandir. Ele foi o redescobridor e o intérprete do Marajó. Ele foi, não só para o Marajó, mas para o Estado do Pará, o que Jorge Amado, Lins do Rego, Raquel de Queirós e outros grandes romancistas tinham sido, nos anos 30, para os Estados do Nordeste brasileiro.

Dalcídio Jurandir não esquece a singular natureza da sua terra, mas ocupa-se principalmente dos habitantes. Após haver analisado figuras do interior do Pará, ei-lo a examinar, neste romance, algumas da capital. E as possibilidades do seu talento são tão grandes e tão diversas que dir-se-á ter ele sido sempre um romancista urbano.

Residi cinco anos em Belém do Pará, nessa cidade em que a memória concorre com o bronze, guardando para o futuro tudo quanto nela se grava. Dalcídio Jurandir não descreve em vastas panorâmicas a bela cidade, a que frondosas mangueiras dão tanto caráter. Mas a sua arte é tão eficaz que por simples alusões a pormenores ou breves imagens, de que são exemplo as do mercado do Ver-o-Peso, ele a constrói como quem

aglutina um *puzzle* e acaba por no-la apresentar tão exacta e colorida que eu, ao lê-lo, tive a sensação de haver regressado ali ao cabo de muitos anos.

Essa virtude constitui, por sua vez, também um pormenor apenas do bloco de méritos literários que rutilam neste romance duma família paraense. Grande psicólogo e observador, Dalcídio Jurandir é, conseqüentemente, um grande criador de personagens. A família Alcântara, eixo da história, com suas ambições, suas frustrações, vaidades e mediocridades, está viva e muito viva continua, mesmo se alguma flecha irónica do autor a traspassa ou um outro traço caricatural a castiga. Em volta destes planetas centrais movem-se alguns pequenos satélites, sobretudo a “caboclita Libânia” e o “menino Alfredo”, ambos no alvorecer da experiência humana, ambos agraciados por uma discreta e poética ternura, tendo ao último o autor concedido e adaptado, bem provavelmente, trechos da sua própria vida.

Obra que revela a Portugal um grande escritor, obra de vasta e variada riqueza, explícita e implícita, Belém do Grão-Pará pertence, por isto mesmo, ao número dos romances que devem ser lidos muito atentamente, para não se perder nenhuma das suas altas qualidades.

Maio de 1974.

Ferreira de Castro

Nota do Editor. – Este prefácio foi um dos últimos, se não o último, dos textos literários que Ferreira de Castro escreveu. Poucos dias depois de entregue ao coordenador desta série de obras de autores brasileiros contemporâneos prostrou-o irreparavelmente, em 5 de junho de 1974, o colapso cardiovascular que o levou à morte no dia 29 deste mês. Simbolicamente, estas páginas finais da carreira de Ferreira de Castro como escritor são ainda um testemunho do seu entranhado amor de toda a vida pelo Brasil e por brasileiros.